



editorial

É com muito orgulho que Armamar integra a Rede de Museus do Douro, num ganho mútuo de riqueza, diversidade e valor.

A 6 de julho de 2023, o Centro Interpretativo da Mulher Duriense concedia uma nova vida ao emblemático edifício da antiga Adega Cooperativa, em Armamar. Um espaço audacioso, contemporâneo e, acima de tudo, um centro para a reflexão em matérias de direitos humanos e igualdade.

A matéria-prima daquilo que é o nosso Douro desenha-se a partir dos sui generis anfiteatros de vinhas; do rio que, em dias serenos, é espelho e reflete a imagem das encostas; mas, principalmente, desenha-se e é fruto das mulheres e homens que foram, são e continuarão a ser Douro. De todas aquelas e aqueles que seguem o caminho do trabalho, do esforço e da resiliência, mostrando a Portugal e ao Mundo que a nossa região é maior e melhor do que por vezes nos querem fazer sentir.

Neste recém-inaugurado museu, dinamizamos o turismo, peça fulcral no concelho, impulsionamos a economia local e conduzimos à procura de um pensamento crítico sobre a identidade feminina e a história da mulher, não só no Douro, mas também noutras geografias, abrindo-se caminho à reflexão e ao desenvolvimento de novas perspetivas. Rumo à evolução, para que juntos possamos fazer a diferença.

Nesta obra que é o Douro, à qual os armamarenses têm o orgulho de chamar de “casa”, sejamos casa para todas e todos de igual modo. Usemos a nossa projeção e o reconhecimento mundial enquanto Património da Humanidade para mudar paradigmas vigentes e lutar pela igualdade de género na sociedade.

João Paulo Fonseca

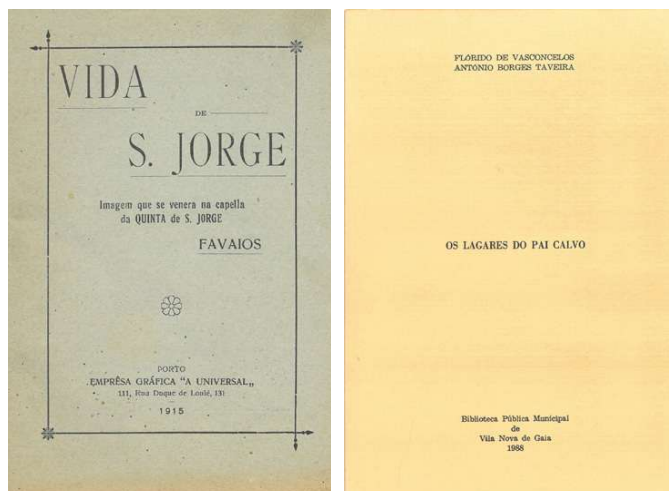
Presidente da Câmara
Municipal de Armamar



©Centro Interpretativo da Mulher Duriense, Armamar

» BIBLIOTECA – INCORPORAÇÕES

Foram incorporadas na nossa biblioteca, por doação, duas novas obras. Uma obra sobre S. Jorge, cuja imagem se venera na capela da Quinta de S. Jorge, em Favaios, esta doação é fruto da generosidade da Sra. D. Joana Lencastre. A outra obra, sobre os lagares da aldeia de Pai Calvo, em Armamar, foi doada pelo Sr. Dr. António Carlos Borges Taveira. A ambos o nosso sincero agradecimento.



VASCONCELOS, Flório; TAVEIRA, António Borges – Os lagares do Pai Calvo. Vila Nova de Gaia: Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia, 1988.

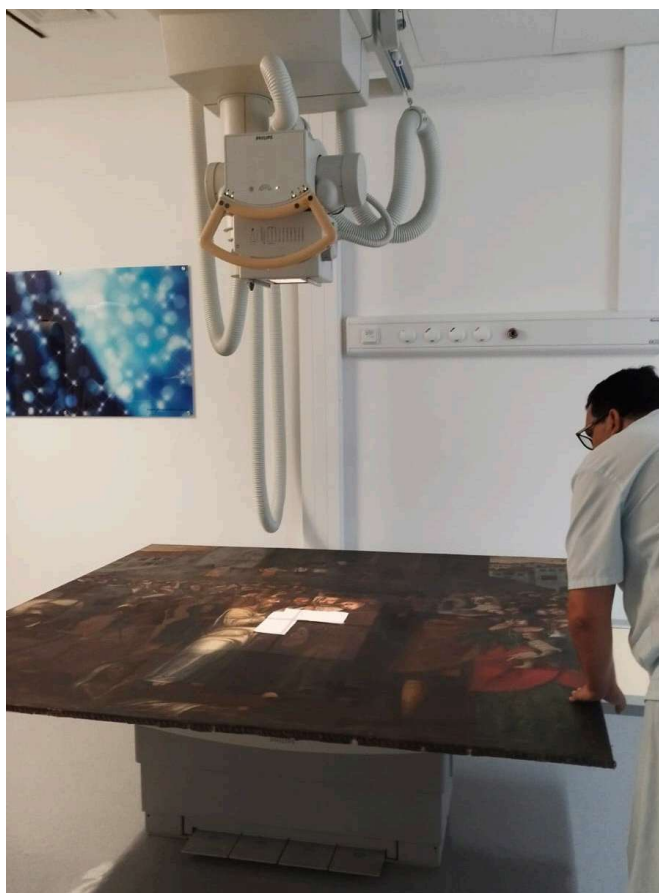
Vida de S. Jorge – Imagem que se venera na capela da Quinta de S. Jorge, Favaios. Porto: Empresa Gráfica “A Universal”, 1915.

» CONSERVAÇÃO – IDENTIFICAR PARA CONSERVAR

Em agosto principiámos a intervenção na obra “A Bilocação de Santo António”, pertencente a Paulo Fonseca, em depósito no Município de Torre de Moncorvo. O estudo desta pintura sobre tela começou com o registo fotográfico, que incluiu a radiografia, apenas possível graças à parceria com o Centro Hospitalar de Trás os Montes e Alto Douro e também ao apoio do Município de Peso da Régua, a quem o Museu agradece o apoio inestimável.

Orientada por José Pessoa, a sessão de radiografia foi um desafio dadas as dimensões desta obra, com 2 x 2 metros!

Em breve daremos conta dos resultados.



PATRIMÓNIO RDD

» AQUELAS ESTRANHAS CARRANCAS!...

É verdade que, na actualidade, o conceito de 'património' se alargou muitíssimo, passando a abranger vestígios de tempos passados inteiramente despercebidos até agora. E se se hão de evitar-se exageros tanto num sentido como noutro – querer preservar tudo ou cingir-se somente ao que se afigura essencial – nunca será de mais mostrar aspectos do quotidiano susceptíveis de nos causar admiração e suscitar curiosidade.

Por exemplo, em ambiente urbano, não é rara a intenção de se ornarem edifícios com figurações humanas, inclusive retiradas da mitologia greco-romana. Notáveis, por exemplo, as casas das nossas vilas de primórdios do século XX a ostentarem nos ângulos dos telhados uma estátua de Minerva ou de Marte, amiúde de barro esmaltado, num apelo (dir-se-ia) ao classicismo que não queriam mesmo enjeitar. Tem sido difícil preservar esses toques de antiguidade, perante a onda avassaladora de tendências iconoclastas, segundo as quais nada disso interessa aos nossos tempos, mas algumas ainda vão resistindo.

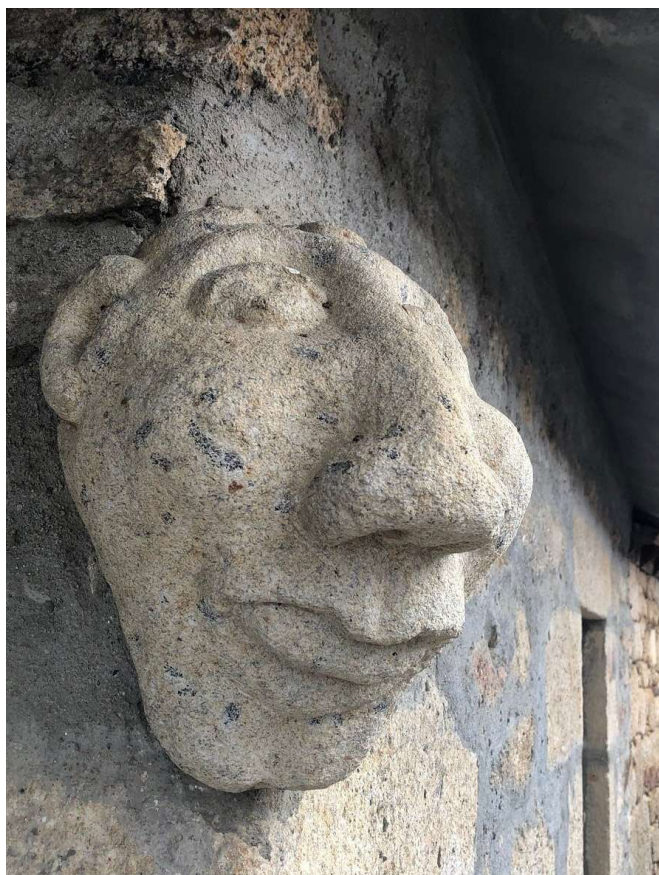
Certo é, porém, que, aqui e além, nos surpreende ver, mesmo em ambiente rural, ainda bem preservadas, estranhas carrancas, cujo real significado acabamos por desconhecer. Mero pormenor estético, a que cada qual dará a interpretação que lhe aprouver? Diferente é o que vemos nas gárgulas de templos medievais, na cachorrada das cornijas e nas voltas dos arcos de entrada das igrejas românicas: aí, o simbolismo torna-se bem patente e habitual o recurso à representação de seres imaginários. Toda uma panóplia de invenções a obrigar a reflexão.

Isso se passou connosco, ao nos depararmos, nas nossas deambulações por vetustas povoações do concelho de Armamar, distrito de Viseu, estranhas carrancas integradas em fachadas de edifícios habitacionais viradas para a via pública.

Na aldeia de Cimbres, a carranca entrou tanto no domínio público, decerto pelo seu carácter misterioso, que deu nome à rua – Rua da Carranca – onde se mostra. A casa é tipicamente beirã, de paredes

com pedra à vista; de dois pisos, fazendo-se por escadaria exterior o acesso ao piso superior; tem no lintel duma das janelas (que são de guilhotina, à maneira tradicional), a data de 1782. A carranca (fig. 1) está na esquina e apresenta características da raça negra, atendendo ao desenho das arcadas supraciliares, às fossas nasais largas e à grossura dos lábios. Terá sido pensada mesmo para utilização como elemento decorativo arquitectónico, na medida em que é plana na face posterior.

Em Fontelo, duas cabeças, de traços pouco afeiçoados (Fig. 2), estão adossadas, sobre o tubo de escoamento das águas pluviais dos telhados, entre duas casas de três pisos, de telhado triangular próprio para dar guarida às águas-furtadas. Um ar deveras senhorial, sugerido pelas amplas varandas de guardas de ferro forjado trabalhadas. É bem possível que as carrancas tenham sido retiradas dalgum pelourinho, de que poderiam ter sido o remate. Fontelo teve pelourinho; hoje foi singelamente restituído, em linhas geométricas, humildemente encostado a uma parede (quando o pelourinho tinha, por norma, posição central na praça maior da localidade), apenas ostentando uma ‘cabeça’ meio disforme, também ela de feitura antiga.





© Autores do texto

Uma terceira carranca lobrigámos na localidade de S. Romão, do mesmo concelho de Armamar (Fig. 3): ali foi colocada, sozinha e triste, na parede, a olhar para os fios eléctricos que lhe passam ao pé. Onde terá vindo e porque a puseram ali?...

Retiradas certamente dos locais para que foram pensadas, estas carrancas quiçá mereçam não apenas serem preservadas, mas também um estudo que permita o seu melhor enquadramento no espaço e no tempo. Até lá, continuarão... a despertar curiosidade!

José Carlos Santos
José d'Encarnação